

A representação fotográfica de Rogério Ceni, o herói tricolor.

Alexandre Huady Torres GUIMARÃES ¹

Pedro Michepud RIZZO²

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a representação fotográfica jornalística de Rogério Ceni, capa do *Jornal Lance!*, após a conquista do pentacampeonato brasileiro pela equipe do São Paulo Futebol Clube, no ano de 2007. Este trabalho leva em consideração o perfil do goleiro que, por inúmeros fatores, é tomado tanto pelo clube quanto pela torcida são paulina como herói, fato ressaltado constantemente pelo discurso fotojornalístico esportivo, neste caso, especificamente, pela fotografia Ari Ferreira. Há de se ressaltar que, em meio a um mundo em que a imagem é cada vez mais utilizada como forma de comunicação, a análise e discussão a respeito da confecção e interpretação desta linguagem é de extrema importância para o processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo esportivo; Rogério Ceni; herói; análise imagética.

Rogério Ceni: o princípio.

O goleiro artilheiro, Rogério Ceni, nasceu no ano de 1973 na cidade de Pato Branco, interior do Paraná, de onde se mudou para Sinop, cidade interiorana do estado do Mato Grosso.

¹Doutor pela Universidade de São Paulo, mestre pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professor em regime de dedicação integral do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde é líder das disciplinas de Fotografia do Curso de Publicidade, Propaganda e Criação e Jornalismo, professor de Fotografia, Redação e Metodologia; membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte; do Grupo de Pesquisa NAU-Núcleo Audiovisual e do Grupo de Pesquisa Linguagem, Sociedade e Identidade: estudos sobre a mídia.

² Graduando do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa do Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte.

Em Sinop iniciou sua trajetória esportiva. Primeiramente como atleta de vôlei integrando a equipe da cidade, com a qual conquistou vários títulos, e posteriormente integrando a seleção do estado, para, com ela disputar em 1989, os jogos estudantis brasileiros.

Após sua estada nas quadras de vôlei, em 1990 passou a compor o elenco do Sinop Futebol Clube, na condição de terceiro goleiro. Sua história futebolista começou como volante do time do Banco do Brasil, empresa para a qual trabalhava. Foi neste time que, atuou pela primeira vez embaixo das traves, quando seu chefe, goleiro titular, esteve ausente em uma partida.

Em sua estada na equipe mato-grossense, o arqueiro conquistou a posição de titular após a lesão dos primeiros goleiros. À frente do gol do Sinop Futebol Clube, Rogério Ceni já demonstrou um bom desempenho com boas defesas que o firmaram como titular e um dos principais integrantes da equipe na conquista do campeonato estadual de 1990.

Três meses após a vitória do campeonato mato-grossense, Rogério Ceni fez testes na equipe do São Paulo Futebol Clube onde, ainda em 1990, foi aprovado para iniciar uma carreira repleta de títulos.

Rogério Ceni e sua história no Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

Apesar de sua passagem pelo Sinop, Rogério Ceni é popularmente conhecido como um jogador de apenas um clube, no caso, o São Paulo Futebol Clube.

Hoje admirado pela torcida, o goleiro artilheiro adentrou a equipe são paulina na época em que Telê Santana comandava a equipe tricolor em diversos títulos. Na reserva do goleiro Zetti, bi-campeão mundial nos anos de 1992 e 1993, integrou o time B do São Paulo, à época conhecido Expressinho Tricolor, que conquistou em 1994 a Copa Conmebol.

Após a saída de Zetti em 1997, Rogério Ceni assumiu a condição de goleiro titular conquistando, a partir daí, diversos títulos, recordes e a idolatria da torcida tricolor, que costumeiramente brada nos estádios: “Todos tem goleiro, só nós temos Rogério Ceni”.

A galeria de títulos de Rogério Ceni no São Paulo Futebol Clube.

No comando do time do Morumbi, Rogério Ceni conquistou vinte e três títulos, entre eles o Campeonato Mundial de Interclubes, a Copa Libertadores da América, a Recopa

Sulamericana, a Copa Conmebol, a Copa dos Campeões da Conmebol, o Campeonato Brasileiro, o Campeonato Paulista, o Torneio Rio - São Paulo e, enquanto participante da equipe de base do São Paulo Futebol Clube, o Campeonato Paulista Metropolitano Juvenil e a Taça São Paulo de Futebol Júnior,

A galeria de recordes de Rogério Ceni no Tricolor do Morumbi.

No clube do Morumbi, Rogério Ceni somou inúmeros recordes, como o de jogador que mais atuou pelo São Paulo, superando Valdir Peres que somou 617 partidas, tendo em vista que em dezembro de 2007 Rogério Ceni já contava com a participação em 788 partidas; o jogador que mais atuou pelo clube na Copa Libertadores da América, com 46 jogos até julho de 2007; o jogador que mais atuou pelo mesmo time no campeonato brasileiro, superando o vascaíno Roberto Dinamite que participou de 308 jogos; o de maior artilheiro do São Paulo na Copa Libertadores da América, igualando-se a Pedro Rocha, a Palhinha e a Müller com 10 gols marcados e, ainda o de goleiro da história são paulina que mais tempo ficou sem tomar gols, superando Valdir Peres que possuía o recorde de 694 minutos sem gols em 1983.

A galeria de recordes e prêmios individuais de Rogério Ceni.

Rogério Ceni, por três vezes, entrou na lista dos dez melhores goleiros do mundo; foi indicado ao prêmio Bola de Ouro em 2007; foi o detentor da terceira maior sequência invicta no futebol brasileiro atuando pelo São Paulo Futebol Clube por 988 minutos sem sofrer gol; e com 78 gols marcados até dezembro de 2007 é o maior goleiro artilheiro do futebol mundial.

Entre sua galeria de prêmios individuais constam: melhor goleiro do Campeonato Brasileiro (2007), Rei da Bola do Brasileirão (2007), Craque da Torcida (2007), Bola de Prata – *Placar* – (2007), Melhor jogador do Campeonato Brasileiro (2006), 2006 - Melhor goleiro do Campeonato Brasileiro (2006), Bola de Prata – *Placar* – (2006), Melhor jogador do Mundial de Clubes da FIFA (2005), Melhor jogador da final do Mundial de Clubes da FIFA (2005), Bola de Prata – *Placar* – (2004), Bola de Prata – *Placar* – (2003) e Bola de Prata – *Placar* – (2000).

Rogério Ceni e a Seleção Brasileira.

Entre os anos de 1997 e 2006, Rogério Ceni participou da Seleção Brasileira nos seguintes eventos: Copa das Confederações na Arábia Saudita, quando foi campeão, eliminatórias da Copa do Mundo de 2000/01; Copa do Mundo do Japão/Coréia, quando também foi campeão; Copa do Mundo da Alemanha, além de jogos amistosos.

O herói Rogério Ceni.

O herói é um ser mítico dotado de carisma, de liderança e de grandeza que surge pela necessidade que um determinado povo, uma determinada cultura tem de assumir sua consciência integral. Durante as diversas épocas e em diversas culturas pulularam os heróis.

Conforme Kátia Rubio (2001, p.90), a “força física, destreza e coragem são atributos do herói, que pode contar, ocasionalmente e por acréscimo, com a inteligência”.

No ocidente, os registros advêm desde os tempos da Grécia antiga, passando pela Idade Média e pela Idade Moderna. Nestes momentos inúmeros nomes são lembrados em narrativas bíblicas, literárias, sociais, bélicas, políticas entre outras.

O homem contemporâneo também carece de e forma seus heróis, consoante as coordenadas e feições de seu tempo e sua cultura, assim os heróis atuais refletem necessariamente as necessidades e os dramas deste homem da atualidade e de sua cultura.

Como toda cultura, a cultura de massa produz seus heróis, seus semideuses, embora ela se fundamente naquilo que é exatamente a decomposição do sagrado: o espetáculo, a estética. Mas, precisamente a mitologização é atrofiada: não há verdadeiros deuses; heróis e semideuses participam da existência empírica, enferma e mortal. (MORIN, 1997, p. 109)

Pertencente a uma coletividade o herói moderno é muitas vezes criado e alicerçado pela *mass mídia*. O cinema é uma fonte constante de confecção de heróis. Seja na produção hollywoodiana, européia ou de outros grupos culturais, o herói freqüentemente surge nas telas. Porém, o compromisso da sétima arte com a verdade não é obrigatório e, no mais das vezes, o receptor das imagens em movimento sabe que está diante de uma narrativa ficcional.

Entretanto, quando o suporte da construção está dentro da área jornalística, mesmo que esta também não mantenha um compromisso integral com a realidade, uma vez que todo texto traz em si um discurso, é comum a postura passiva do receptor que na maior parte das vezes apenas absorve a mensagem sem refletir e questionar a abordagem do conteúdo proposto.

O esporte é um vasto campo para a confecção de heróis, todavia, estes muitas vezes são alçados a esta condição e rebaixados dela em um curto espaço de tempo, pois não só a carreira esportiva é de curta duração como também a manutenção do ápice é árdua.

Apesar da 'loucura' e do 'desespero' vivido por torcidas e, por vezes, nações diante de um resultado, os componentes ideológicos não são os únicos a mover o esporte [...] um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de 'heróis', 'estrelas' ou 'ídolos', uma vez que eles levam as pessoas a se identificarem com esse evento. (RUBIO, 2001, p.97)

No Brasil, é evidente a comoção do povo quando o esporte em voga é o futebol. Há muitos anos o futebol cede heróis para um povo carente nos prismas social, cultural, político e econômico.

Dentre os heróis futebolísticos nacionais, o grande destaque é Pelé. Além do atleta do século, outros nomes surgiram como Garrincha, Ademir da Guia, Tostão, Zico, Rai e, modernamente, atletas com pouquíssima idade tem sido elevados pela imprensa e torcida a esta condição. Exemplos são Robinho e Alexandre Pato. Estes atletas “têm seus nomes impressos não só na memória de jornalistas bem preparados como também do espectador geral, preservando sua condição de mito.” (RUBIO, 2001, p. 98)

Há alguns anos o futebol brasileiro tem perdido seus melhores atletas, aquelas que se destacam, para o futebol estrangeiro, em geral o europeu que oferece melhores condições econômicas, sociais e esportivas.

Rogério Ceni é um atleta que tem todas as características necessárias para atuar no futebol do exterior, pelo qual já foi procurado. Contudo sua postura foi sempre a mesma. Nunca largou o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o que o torna um atleta de um time só.

Atleta vitorioso, colecionador de títulos, líder dentro e fora de campo, além de carismático, o goleiro artilheiro foi elevado pela torcida tricolor a condição de herói que constantemente grita no gramado: “Todos tem goleiro, só nós temos Rogério Ceni”.

Para Jung (1977), o herói advém de um nascimento humilde, submete-se a provas que testam sua condição sobre-humana e, assim, ascende a condição de notoriedade.

Rogério Ceni veio de uma pequena cidade interiorana, iniciou sua carreira em um time sem expressão, ocupou a condição de goleiro reserva por um bom tempo e depois de vencer estas adversidades sagrou-se titular, capitão, campeão e artilheiro, entre outras conquistas.

Não é por acaso que os mitos representados no esporte são sobretudo de natureza heróica. Os feitos realizados por atletas, considerados quase sobre-humanos para grande parcela da população, somados ao tipo de vida regrada a que são submetidos contribui para que essa imagem se sedimente. (RUBIO, 2001, p.99)

Dotado de carisma, liderança e grandeza, Rogério Ceni passou a ser retrato pela imprensa desta maneira. Muitas são as reportagens a seu respeito e sua fotografia, quando estampada no jornal, é uma representação da própria equipe são paulina.

Em 2007 o São Paulo Futebol Clube conquistou pela quinta vez o Campeonato Brasileiro de Futebol. Este título é único, pois o pentacampeonato flamenguista não é reconhecido pela Confederação Brasileira de Futebol, uma vez que o título conquistado pela equipe rubro-negra carioca em 1987 não tem valia para a mesma Confederação Brasileira de Futebol, que o valida para o Sport Club do Recife.

Nesta ocasião Rogério Ceni foi captado pelas lentes de Ari Ferreira para o *Jornal Lance!*, publicado no dia 1 de novembro de 2007. Uma das fotografias fotojornalísticas esportivas de Ferreira ganhou a primeira página desta publicação destinada ao esporte.

Vale lembrar que o *Jornal Lance!* proclama como sua missão ser uma referência ao País no que diz respeito ao conteúdo esportivo, oferecendo um jornalismo calcado na independência e qualidade, sempre em defesa tanto do torcedor quanto do esporte brasileiro.

Acrescenta-se ainda, por meio de Elizabeth Moraes Gonçalves, Tais Rios Salomão e Denis Porto Reno (2003, p.3), a importância da primeira página para uma publicação jornalística



Entende-se que a primeira página de um jornal seja como um retrato datado do que foi considerado notícia, um recorte que segue os padrões editoriais e define o que será realidade ou que ênfase lhe será conferida.

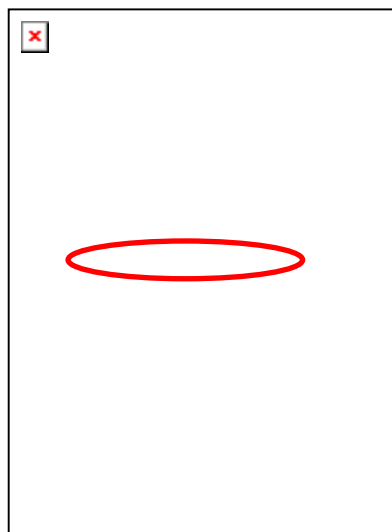
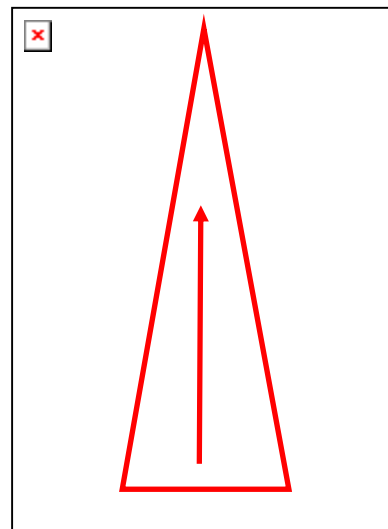
Mesmo indicando parâmetros significativos para a análise, o significado da leitura da primeira página pode ser completado com a relação das matérias dentro do caderno principal que se referem à reportagem de capa. Dessa forma, pode-se dizer

que a abordagem escolhida por cada jornal é evidenciada pela relação entre as matérias sobre o assunto.

A representação fotojornalística esportiva do herói.

A fotografia de Ari Ferreira destaca o pentacampeão em um ângulo de baixo para cima, o que concede ao goleiro a condição elevada, superior. Esta condição é reafirmada pela forma triangular de seu corpo, que além de elevar o olhar do receptor também concede a condição divina ao atleta, justificada ainda pelo número três (os lados constituintes do triângulo) que é decorrente da mentalidade da perfeição cristã, composta pela trindade.

Neste momento, Rogério Ceni está sobre o leitor em comemoração de mais uma de suas glórias.



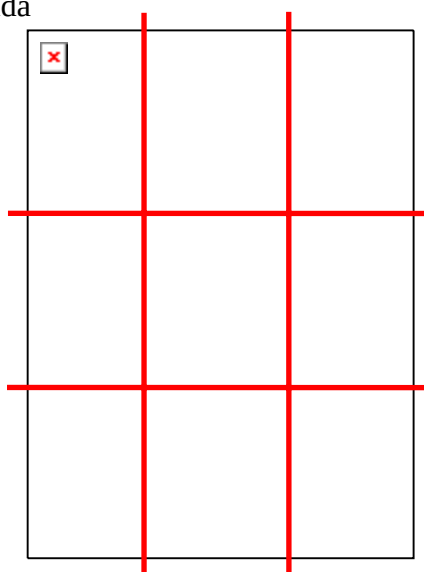
A relação com a esfera religiosa não é sem razão, por traz do corpo do goleiro pentacampeão brilham os refletores do Estádio Cícero Pompeu de Toledo. Ari Ferreira, ao trabalhar o enquadramento, postou o atleta sobre as luzes que formam uma auréola,

elemento representante de luz, constantemente utilizado nas pinturas que trazem como tema figuras religiosas. É importante ter em mente que na cultura religiosa cristã, fortemente apregoadada durante o medievo, tudo que era luminoso

representava o bem e o que era escuro representava o mal.

Sobre a questão do contraste na arte, Gomes Filho dita: “Em todas as artes, o contraste é uma poderosa ferramenta de expressão, o meio para intensificar o significado e, portanto, para simplificar a comunicação”. (2000, p.62)

Retomando a questão do enquadramento, um dos



elementos de trabalho para a composição imagética, percebe-se que Ferreira optou pela perspectiva central do atleta.

Para Arnheim,

A perspectiva central continua a interessar o artista em três aspectos. Ela oferece uma imagem rigorosamente realística do espaço físico; proporciona um padrão compositivo rico e aprimorado; e a concepção de um mundo que converge, comunica sua própria expressão característica. (2000, p.285)

Ao centro Rogério Ceni, sobre a torcida, espalma ao alto da página o número de títulos do Campeonato Brasileiro conquistados pelo São Paulo Futebol Clube, enquanto com a outra mão segura a bandeira de seu clube.

O gesto ascendente da mão é uma característica das vitórias esportivas. Em inúmeros momentos, atletas de diversas nacionalidades ergueram seus braços em comemoração às suas vitórias.

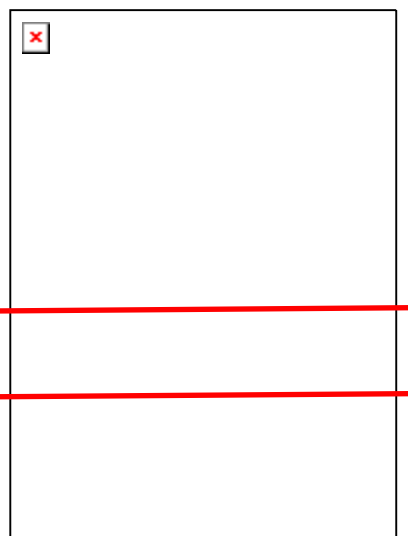
Na Olimpíada do México em 1968, realizada a 2260 metros de altitude, o que favoreceu uma intensa quebra de



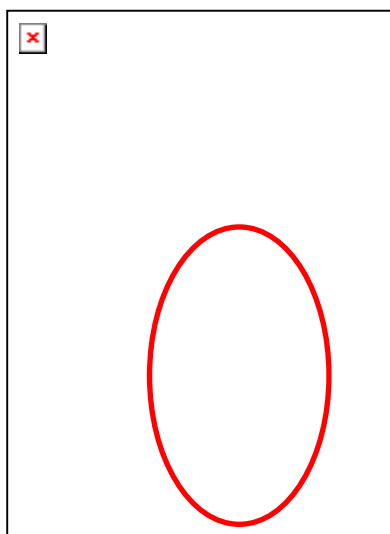
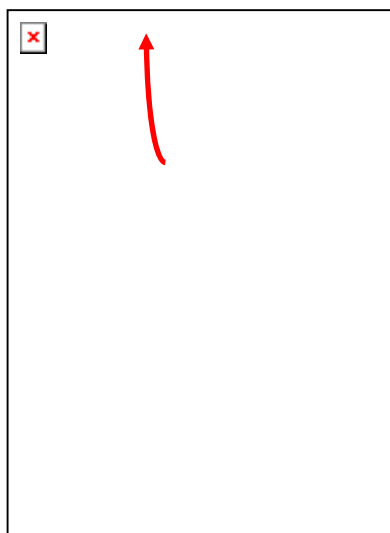
recordes, os atletas americanos Tommie Smith e Jonh Carlos em um momento em que as questões raciais estavam em fervor na sua pátria, valeram-se deste gesto ao conquistarem respectivamente as medalhas de ouro e bronze nos 200 metros rasos, para destacar com luvas pretas em suas mãos esquerdas (clássica saudação do movimento Black Power) a questão do preconceito racial em uma delegação claramente dividida entre atletas brancos e negros.

No Brasil, este ato, sem conotação política ou racial, foi eternizado não apenas nos campeonatos futebolísticos, mas, também, em outras atividades esportivas. Ayrton Senna, a cada vitória proclamada, como um guerreiro elevava seu braço sobre os bólidos de suas escuderias e rapidamente buscava entre os torcedores, sempre a disposição, uma bandeira brasileira.

Este ato se transformou em uma tradição do esporte brasileiro. Thiago Camilo, no dia 14 de setembro de 2007, após seis vitórias por Ippon, pontuação máxima do Judô, sagrou-se Campeão Mundial vencendo o francês Anthony Rodriguez.



Pelas lentes da Reuters, este mesmo movimento proclamado por Rogério Ceni foi eternizado:



Conclusão

Kátia Rubio, afirma:

A realização de prodígios é quase sempre uma mistura de força, coragem e astúcia, caracterizando essa figura não como alguém dotado apenas de força bruta, mas como uma figura particular, capaz de realizar mais do que apenas a força lhe daria condições [...] os deuses são vistos em nossos eventos cotidianos, em nossas desordens particulares, e também públicas.(2001, p.99)

Sem o intuito da comparação, Rogério Ceni, pelo esporte que pratica, por sua postura de atleta de um time só, pela sua quantidade de títulos, entre outros predicativos, não pode ser comparado a Tiago Camilo, excepcional atleta de um esporte que sempre trouxe medalhas para o Brasil, mas que nunca conseguiu a atenção e o patrocínio necessários.

Rogério Ceni é constantemente alçado a condição heróica pela mídia jornalística fotográfica. Esta tem como característica fotógrafos que “celebrates the vitality of life” (ZIMMERMAN e KAUFFMAN, 1975, p.14) pois, “Athletes are heroes who nearly always live another day to do battle with their adversaries, themselves, the elements or the clock” (ZIMMERMAN e KAUFFMAN, 1975, p.14)

Para Costa (1991, p.26), o homem no esporte vive nos mesmos mitos que o homem religioso arcaico

Pelos temas que celebra – morte simbólica, combate sagrado, procura do paraíso perdido, conquista da imortalidade – pelos rituais que o envolvem – cerimônias, festivais, desfiles de bandeiras, chama olímpica, entrega de prêmios – e pelos atores que neles intervêm – heróis, ídolos, representantes da comunidade com o estatuto de super-homem –, o desporto moderno é, no seio de nossa sociedade, uma verdadeira arqueologia dos mitos arcaicos [...], de natureza heróica.

Rogério Ceni cumpriu as etapas comuns aos heróis, demonstrou na construção de sua carreira a iniciativa, a paciência, a determinação, a ética, o carisma, transformando-se em um grande atleta, em um herói para sua torcida, para a imprensa brasileira e, conseqüentemente para as lentes do fotojornalistas que por meio de técnicas de enquadramento, jogos de luz, profundidades de campo, congelamento de imagens entre outros recursos particulares da linguagem fotográfica eternizam, como o fez Ari Ferreira a imagem heróica do goleiro campeão, artilheiro, jogador de um time só, Rogério Ceni.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira, 2000.

COSTA, A. S. Corpo e mito. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, n. 43, p.23-26, 1991.

FERREIRA, A. *Jornal Lance!*, São Paulo, 1 nov. 2007, p.1.

GOMES FILHO, J. *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras. 2000.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

GONÇALVES, E. M., SALOMÃO, T. R. e RENO, D. P. A mídia constrói imagens: José Dirceu e o Mensalão. *Unirevista*. São Leopoldo, n. 3, p.1-10, 2003

MORIN, E. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RUBIO, K. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ZIMMERMAN, John e KAUFFMAN, Mark. *Photographing Sport: capturing the excitement of people in action*. London: Thames and Hudson, 1975.